

Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3) Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609 1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 306.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabrocham como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906091	
CAPÍTULO 2	14
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906092	
CAPÍTULO 3	26
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906093	
CAPÍTULO 4	37
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906094	
CAPÍTULO 5	48
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906095	
CAPÍTULO 6	60
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906096	

CAPÍTULO 7 70

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Carle Porcino

Cleuma Sueli Santos Suto

Dejeane de Oliveira Silva

José Andrade Almeida Junior

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Jeane Freitas de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.0961906097

CAPÍTULO 8 85

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

Fabiana Duarte e Silva

Francielle Pereira Santos

Ludmila Nunes Mourão

Marília Martins Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.0961906098

CAPÍTULO 9 95

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Nívia Madja dos Santos

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.0961906099

CAPÍTULO 10 102

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060910

CAPÍTULO 11 107

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

Kariane Camargo Svarcz

DOI 10.22533/at.ed.09619060911

CAPÍTULO 12 119

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

Maria Izabel Machado

DOI 10.22533/at.ed.09619060912

CAPÍTULO 13	135
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060913	
CAPÍTULO 14	152
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060914	
CAPÍTULO 15	162
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060915	
CAPÍTULO 16	171
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Claudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060916	
CAPÍTULO 17	178
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060917	
CAPÍTULO 18	185
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060918	
CAPÍTULO 19	194
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060919	
CAPÍTULO 20	206
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabricia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

CAPÍTULO 21 219

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

Ângela Kaline da Silva Santos

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

Lucicleide Cândido dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

CAPÍTULO 22 230

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

Ivana Maria Fortunato de Barros

Paula Land Curi

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

CAPÍTULO 23 242

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Ângela Maria Simão Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

CAPÍTULO 24 252

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jussara Silva da Costa

Polena Valesca de Machado e Silva

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

CAPÍTULO 25 264

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

Suélem do Sacramento Costa de Moraes

Bárbara Hees Garré

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

CAPÍTULO 26 271

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

Jaqueline Tubin Fieira

Franciele Lorenzi

Giseli Monteiro Gagliotto

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

CAPÍTULO 27 283

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Francielen Leandro Apolinário

Evelly Paat Sampaio da Silva

Elisângela Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

CAPÍTULO 28 291

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

Evaldo Batista Mariano Júnior

Maria Aparecida Augusto Satto Vilela

Valeska Guimarães Rezende da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

CAPÍTULO 29 311

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Libna Pires Gomes

Paula Land Curi

Ivana Maria Fortunato de Barros

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

CAPÍTULO 30 321

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

Mariluce Vieira Chaves

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

CAPÍTULO 31 331

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

Daniel Cerdeira de Souza

Tirza Almeida da Silva

Sônia Maria Lemos

Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

CAPÍTULO 32 336

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Valquiria Nicola Bandeira

Carlos Simão Coury Corrêa

Andreza de Souza Fernandes

Carlos Simão Coury Corrêa

Isabel Cristina Correia Cruz

Fernando Sabchuk Moreira

Ana Paula Sabchuk

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

CAPÍTULO 33 348

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

Fabíola Calazans

Vanessa Santos de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

CAPÍTULO 34	360
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060934	
CAPÍTULO 35	370
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060935	
CAPÍTULO 36	376
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060936	
CAPÍTULO 37	387
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060937	
SOBRE A ORGANIZADORA	401
ÍNDICE REMISSIVO	402

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Francielen Leandro Apolinário

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista-RR

Evelly Paat Sampaio da Silva

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista-RR

Elisangela Martins

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista-RR

RESUMO: A violência de gênero, no Brasil, alcança números alarmantes. As vítimas sofrem desde ataques físicos até formas menos explícitas de abuso, como a violência psicológica. Essa situação, que nos atinge e preocupa, foi uma das molas propulsoras para o surgimento desse trabalho que parte do estudo da história das mulheres no Brasil e da obra *Arrufos*, de Belmiro de Almeida. O título do quadro trata como um 'capricho' - e portanto algo sem muita importância - a cena de uma mulher chorando enquanto um homem, provavelmente seu parceiro, observa calmamente sentado a um canto. Tal observação nos inquietou e motivou a pesquisar sobre outras obras e as possíveis mensagens sobre as relações de gênero nelas contidas. Assim, tomando trabalhos consagrados da pintura moderna, decidimos produzir releituras fotográficas em que as personagens femininas retratadas sofrem pequenas modificações, propondo reflexão e denúncia sobre a questão da violência contra a mulher. As reflexões sobre

essa vivência e seus resultados, bem como as imagens produzidas por nosso trabalho coletivo, compõem o material de nossa proposta, que se desdobra em comunicação oral e apresentação artística.

PALAVRAS-CHAVE: Violência de gênero; História da arte; Releitura fotográfica; Arrufos.

NEITHER WHIM NOR BEAUTY: REFLECTIONS ON ART AND VIOLENCE AGAINST WOMEN.

ABSTRACT: Gender-based violence in Brazil reaches alarming figures. The victims suffer from physical assaults to less explicit forms of abuse, as the psychological violence. This situation, that affects and worries us, was one of the driving forces behind this paper, which starts with the study of women's history in Brazil and the work "Arrufos", by Belmiro de Almeida. The title of the painting treats as a 'whim' - therefore, something without much importance - the scene of a woman crying while a man, probably his partner, quietly observes sitting in a corner. This observation disturbed and motivated us to research about other works and the possible messages about the gender relations contained in them. Thus, taking consecrated works from modern painting, we decided to produce photographic re-readings in which the portrayed female characters undergo minor modifications, proposing reflection and denunciation on the

issue of violence against women. The reflections on this experience and its results, as well as the images produced by our collective work, compose the material of our proposal, which is deployed in oral communication and artistic presentation.

KEYWORDS: Violence of gender; History of art; Photographic re-reading; Arrufos.

Agressão física é a primeira coisa que vem à mente quando tocamos no assunto, violência contra a mulher. Isso ocorre por uma razão óbvia: ela deixa marcas visíveis. No entanto, pretende-se, chamar atenção para o fato de que as agressões emergem de uma base social mais profunda, em que diversas formas de abuso da integridade da mulher são naturalizadas no cotidiano. Na sociedade ocidental, os processos de violência costumam ter uma sutileza que dificulta sua identificação. Por vezes, eles se encontram implícitos nos discursos, nas rotinas, nos costumes, conservando-se nas relações sociais. É uma estratégia silenciosa tão eficaz que faz com que esses processos pareçam naturais. Um exemplo é uma propaganda de cerveja, na qual, se estampa diariamente a bunda da mulher, agride de forma “disfarçada” à personalidade de muitas mulheres, mas não é reconhecido pela maioria como uma violência.

Ao longo da história, a violência contra as mulheres, se encontra enraizado culturalmente e vem se alastrando em todas as camadas da nossa sociedade, não afeta apenas mulheres pobres do terceiro mundo; ela é constante no cotidiano, atravessa ideologias, classes sociais, raças e etnias. Conforme observa, Dina Lan, “La violencia doméstica es un problema de género que está presente em todas las classes sociales, sin embargo no siempre se manifiestan de la misma manera.” (2011, p. 123).

Maria Amélia Teles, fundadora da União de Mulheres de São Paulo, defende que “a violência contra a mulher deriva da ideologia patriarcal”, ou seja, “aprendemos que os homens têm direito sobre a vida e a morte”. Isso dificulta, inclusive, o entendimento do que significa “minorias sociais”. Como explica a Dr. Lúcia Facco:

Mulheres, negros e homossexuais são considerados minorias. No entanto, podemos perceber que esse termo se baseia na ideia de dominação e não em quantidade: as mulheres não podem ser consideradas como minoria, já que formam mais de 50% da população mundial. (FACCO, 2011, p. 20)

Isso esclarece a manutenção das relações de poder e a crescente e concreta desigualdade de gênero, que funcionam em termos binários, com pares opostos regidos por conexões de superioridade e inferioridade.

Essa questão da violência de gênero motiva diversas pesquisas em variadas áreas do conhecimento. O campo das artes é um exemplo disso, onde pesquisas artísticas e, também, sobre arte, investigam sobre o papel designado às mulheres na história da arte, as representações do corpo feminino na arte e o uso da arte no registro, na denúncia e na resistência contra a violência de gênero. Também há, mais recentemente, um número crescente de pesquisas que se dedicam a elucidar qual

tem sido o papel e o lugar das mulheres na produção artística.

Dentre esses pesquisadores, destacamos Maria José Justino que propõe um debate que trata das mulheres artistas, abordando-as também como obras em construção. Assim, focando as questões por um ângulo histórico, em seu livro de 2013, *Mulheres na arte: Que diferença isso faz?*, a autora tem como objeto de pesquisa não apenas a resistência e a desigualdade de gênero no campo das artes, mas também o posicionamento das mulheres artistas no que diz respeito ao tema.

Segundo a autora, filósofos do final do século XVIII e início do século XIX, diziam que o papel de uma mulher no espaço de criação era apenas como o da “musa” inspiradora competindo apenas ao homem o status de “gênio” da criação. As mulheres só tinham acesso a um ateliê particular como artistas se fossem filhas ou esposas de pintores, e isso ocorria de modo muito limitado. As mulheres que buscassem o espaço público na intenção de vender suas obras não era aceita. Como aponta Borzello (1998, apud JUSTINO) a moral burguesa do século XIX que empoderava o homem que conquistasse o espaço público era a mesma que marginalizava as mulheres pelo mesmo motivo. Esta situação manteve-se até o final do século XX, quando as mulheres artistas ainda levavam uma vida paralela e eram comumente denominadas de “artistas transgressoras” e “mulheres desviantes” (BORZELLO, 1998, apud JUSTINO). Assim, “na história, a mulher só tardiamente conquista seu lugar na arte e no mercado, ficando muito tempo alijada do espaço público, sobretudo nas sociedades organizadas patriarcalmente. (JUSTINO, 2013, p. 14)

Justino apresenta artistas emblemáticas, como Frida Kahlo, Maria Martins e Lygia Clark, que rejeitariam o determinismo biológico e social, abrindo portas para a artista. Suas obras, segundo a autora, exploram o corpo de forma obsessiva, demonstrando-o como um alvo. Investigam tanto o corpo feminino como o masculino e quebram assim uma tradição da história da arte. Representados com forte simbologia, os corpos presentes nas obras dessas artistas figuram como “corpo violentado, corpo fetiche, corpo erótico, corpo mutilado; sempre o corpo no fio da navalha, na tensão” (JUSTINO, 2013).

Esse estudo demonstrou, para nós, a importância do olhar feminino na arte quando a temática se refere às relações entre homens e mulheres, pois nelas podemos vislumbrar com maior frequência o questionamento às desigualdades nas relações de gênero. Abordando diversas obras produzidas por homens percebemos que, para além da ausência deste questionamento, se verifica a naturalização da desigualdade. Em alguns casos, como foi com o estudo da obra *Arrufos*, de Belmiro de Almeida, verificamos um discurso que não apenas naturaliza, como reforça a relação de poder que o homem mantém sobre a mulher.

O quadro *Arrufos* (Óleo sobre tela, 89 x 116 cm) foi produzido em meados dos anos de 1887 por Belmiro Barbosa de Almeida (1858 – 1935), academicista do Liceu de Artes e Ofícios e da Academia Imperial de Belas Artes, o artista brasileiro causou

repercussão ao representar a vida cotidiana e personagens da vida comum como principais temas de sua pintura. Mas, apesar das grandes inovações seu trabalho ainda carregava muito da influência acadêmica e da forte tendência italiana. Além disso, Belmiro de Almeida foi reconhecido como um dos precursores da pintura de gênero brasileira na transição do século XIX para o XX.

Em geral, quando se trata de apresentar a importância dessa obra para a história da arte brasileira, os autores se referem a sua inovação no que diz respeito ao abandono das temáticas históricas, mitológicas ou literárias (alegóricas) trazendo para a tela a temática cotidiana. Centram-se na repercussão que a tela teve ao momento de sua vinda ao público e apresentam seu autor como “grande desenhista e colorista que superou os ensinamentos acadêmicos usando os recursos da arte moderna florescente na Europa” (PROENÇA, 2001). O mesmo se vê no livro de 2006, *Explicando a Arte Brasileira*, de Lucília Garcez e Jô Oliveira e no livro de 2011, *Arte Brasileira no século XIX*, de Sônia Gomes Pereira.

Chama-nos a atenção de que estes livros, voltados para o público mais geral, não incorpore as discussões de diversos autores que já se dedicam a analisar a questão de gênero presente na cena retratada por Belmiro de Almeida. O título refere-se a um “capricho” significado da palavra arrufo, que remete também a desentendimento sem importância. A tela retrata, aparentemente uma briga entre um casal burguês. Enquanto a mulher é apresentada caída ao chão apoiando-se no estofado, o homem observa a fumaça de seu charuto, calmamente. Antes mesmo de nos aprofundarmos no estudo da obra, pareceu-nos violento, da parte do artista, considerar a cena como demonstração de um capricho feminino. Desviando a atenção do espectador e minimizando o sofrimento psicológico daquele personagem.

O trabalho da professora Ana Cavalcanti veio reforçar nossa primeira impressão sobre a obra. Segundo ela, houve críticas severas ao artista no momento da exposição de seu quadro. Embora Gonzaga Duque, importante crítico da época, amigo do pintor que teria inclusive posado para o quadro, tenha construído um discurso que, segundo, Oliveira (1996) complementa a cena, inserindo-lhe um antes e um depois e reforçando a ideia do artista de que a reação da mulher era exagerada, sentimental, naturalmente desequilibrada, nem todos os contemporâneos da obra reagiram do mesmo modo. É o que nos mostra Cavalcanti, sobre o cronista do *Diário Ilustrado*:

“quando uma mulher, vestida de seda, se atira ao chão, brutalmente, como aquela, quando ela chora, quando espatifa uma rosa, mordida de cólera, o negócio é muito mais sério que um simples arrufo”. Comovido com as lágrimas da moça, esse mesmo jornalista acusou seu companheiro de ser um “pelintra banal”, “incapaz de inspirar uma paixão a uma mulher de espírito como parece aquela”, “um pobre de espírito, que tem a preocupação única da toilette e da pose calculada” mas usa uma “horrrível gravata vermelha de mau gosto, de caixeiro ao domingo” (CAVALCANTI, 2006, p. 4).

Concordamos que a pintura não trata apenas de um fato isolado de uma discussão

conjugal. Como demonstra Oliveira (1996) em sua leitura semiótica da obra, Arrufos retrata a relação de poder entre gêneros e os discursos que a elogiaram e seguem tratando da obra apenas por suas qualidades formais corroboram com a postura do artista que enalteceu a “racionalidade” da figura masculina sobre a “desequilíbrio” e a “passionalidade” da figura feminina.

Para nós o quadro chama a atenção não só pelo “repertório do senso comum” sobre homens e mulheres, mas trata de uma cena de violência doméstica e/ou familiar que está presente e é silenciada, na atualidade, em todas as classes sociais.

A violência doméstica acontece mais comumente em âmbitos privados e pode ser desde agressões verbais até casos extremos que levam a morte. Isso acontece devido aos estereótipos de gênero designado pela própria sociedade que define a mulher como sexo frágil e submisso. Diana Lan (2011, p. 122) diz que “[...] Algunas formas de violencia son sancionadas por la ley o por la sociedad, teniendo en cuenta que todo lo que se impone por la fuerza, es considerado violencia”. A mulher de *Arrufos* sofre com a violência verbal, moral e psicológica, isso não é um capricho. Segundo a autora Oliveira:

[...] o homem “responde palavra por palavra”, “reprova”, “repele” a incontinência da mulher, sujeito que é, ele, do percurso da razão, do comedimento e da autoridade. Imagens tão antigas, e ainda, mais de um século depois, tão pouco estranhas à nossa sensibilidade de cidadãos do fim do século, [...] (1996. p.105).

A violência de gênero não pode ser vista com naturalidade. Isso nos instigou a criar uma releitura fotográfica dessa obra na intenção de denunciar, visualmente, a violência contida na imagem original. Entendemos que os gestos familiares, os personagens da vida comum e os aspectos cotidianos representados na pintura de gênero Arrufos, tenham evocado nos espectadores um sentimento de pertença, pois são elementos que estão presentes na sociedade e que fazem parte das experiências cotidianas. Entretanto, não é aceitável que se permaneça naturalizando a violência de gênero. Podem ser vislumbrados na tela de Belmiro de Almeida ou no texto de Gonzaga Duque sobre Arrufos diversos tipos de violência contra a mulher que, de acordo com o Portal Brasil, são reconhecidos pela lei Maria da Penha, principal legislação contra a violência doméstica no país: humilhar, xingar e diminuir a autoestima, fazer a mulher achar que está ficando louca, controlar e oprimir a mulher estão entre eles.

A execução da releitura artística trouxe-nos novos problemas. De início pretendíamos reconstituir a cena com a maior fidelidade possível, entretanto, dadas as dificuldades em alocar os materiais necessários, já que a obra retrata tecidos, almofadas, ventarola chinesa, luminária e outros detalhes de difícil acesso, decidimos por realizar adaptações que demonstrassem nossa intenção, qual seja, alterar o papel da personagem feminina retratada, empoderando-lhe, sem perder a referência principal que era a inspiração da cena, a discussão entre um homem e uma mulher bem vestidos, provavelmente recém chegados ao lar após uma atividade social.



Figura 1 - Nem capricho nem beleza - releitura da obra Arrufos.

Em nossa releitura a intenção foi tirar o personagem feminino do papel de inferioridade. Sua postura, apoiando a cabeça numa das mãos e acenando com gesto de basta para o homem, demonstra que esta mulher não está submissa.

O fato de termos escolhido as roupas de ambos no mesmo tom sugere unidade ao casal, na intenção de quebrar o contraste claro/escuro que marca os trajes da obra original. Naquela apenas o homem porta “a sobriedade das cores escuras” que destacariam seu aspecto racional e equilibrado, como bem apontou Oliveira (1996). Em vez de um charuto, nosso personagem masculino porta um copo na mão direita repousada sobre a perna esquerda, sugerindo o consumo de álcool, muitas vezes associado aos conflitos domésticos violentos. Dessa forma, equilibramos o ônus da causa da discussão, que pode ter surgido pela atitude inicial ou provocativa de qualquer um dos personagens.

Tomada no formato retrato a imagem difere da original, que dispunha a figura masculina em linhas verticais predominantes, em detrimento do personagem feminino que aparece em linhas horizontais, estabelecendo uma hierarquia. Para reforçar nossa ideia, apesar de mantermos o personagem no chão, a colocamos em primeiro plano e sua figura também está retratada com linhas predominantemente verticais, sugerindo igualdade.

O destaque para seu rosto em primeiro plano também difere da obra que nos serviu de inspiração, afinal sua expressão de descontentamento pelo desentendimento do casal pode ser visualizada e não apenas imaginada pelo espectador. Já a frieza representada pela postura do homem na imagem que repete a postura original, serve mais para denunciar seu alheamento do que para conferir-lhe equilíbrio, já que as cores mais quentes estão exatamente ao seu lado na imagem.

Observando as representações de mulheres em obras da pintura moderna verificamos que situações semelhantes à retratada em Arrufos não são necessariamente

comuns. A figura da musa, mulher bela e delicada, com seu corpo retratado de modo harmônico para o desfrute do espectador costuma estar mais presente. Tal realidade também nos inquieta, pois reforça a ideia machista de que a mulher, seu corpo e sua imagem devem estar associados necessariamente para agradar o seu observador.

Diante disso o processo de criação e os resultados obtidos com a primeira releitura nos levaram a perceber a possibilidade de produzir uma série de imagens inspiradas em outras obras da pintura moderna. Nessas obras, para igualmente denunciar os diversos abusos sofridos por mulheres na contemporaneidade, decidimos seguir dois caminhos distintos: Ora empoderando o personagem feminino, como fizemos no primeiro trabalho já descrito, ora alterando a imagem da bela mulher, inserindo-lhe marcas de agressão.

Nossa intenção nesse caso é denunciar que nenhuma mulher está a salvo da violência de gênero que ainda assola a nossa sociedade. Foi pensando nisso que adotamos um ícone da pintura moderna, a obra *Retrato de Adele Bloch-Bauer* de Gustav Klimt. Tendo inspirado um filme, a obra tem uma história peculiar elevando o retrato da jovem judia, usurpado pelos nazistas, à condição de “monalisa austríaca”. Durante a releitura pensamos em inserir na imagem uma referência direta a violência física sofrida por mulheres, também como uma maneira simbólica de nos referirmos ao sufocamento das potencialidades femininas, seja pela arte, quando a aceita apenas como musa, seja pelos estados que não protegem e até vitimizam as mulheres como foi o exemplo dos nazistas.



Figura 2 - Releitura do Retrato de Adelle Bloch-Bauer

Para representar o sufocamento, empregamos a maquiagem, marcando o pescoço da personagem de tal modo que as mãos do agressor estivessem presentes de modo explícito na imagem. A posição do braço da personagem na obra original remetia à posição de um braço quebrado, de tal modo que decidimos enfaixá-lo na releitura. Como já nos referimos antes, essa atitude, que de certo modo significaria uma agressão visual ao personagem original, retirando-lhe a condição de beleza, harmonia e suavidade, tem a intenção de denunciar as agressões físicas e demais

opressões que as mulheres vêm sofrendo no decorrer da história, não obstante suas lutas por igualdade de direitos.

O processo de pesquisa artística e reflexão teórica a que temos nos submetido, gerou as imagens que aqui apresentamos e que foram o germe inicial da mostra *Nem Capricho Nem Beleza*, que trazemos para esse seminário. Sabemos que os espectadores têm a possibilidade de interpretar a imagem pictórica levando em conta suas vivências e memórias e esperamos que nossa mensagem seja compreendida por esses.

Considerando o contexto de extrema violência historicamente vivida pelas mulheres e combatida de modo categórico na contemporaneidade, pretendemos, com nosso trabalho, dirigir nossa criatividade para a produção de um discurso estético, ético, político e artístico que visa propor uma nova postura social que não trate os anseios das mulheres como simples caprichos e nem seus corpos como meros veículos de beleza para usufruto dos observadores.

Se imagens falam mais que mil palavras, produziremos imagens e escreveremos mais de duas mil palavras em defesa da igualdade de gênero, usando nossa arte como arma para a construção de um mundo mais plural, onde, quiçá um dia, seja seguro viver como mulher.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Alice Guimarães. Descanso do modelo e outros primorzinhos: Crítica de arte e pintura de gênero brasileiras no final do século 19. In: Arte & Ensaio - Revista do PPGAV/EBA/UFRJ n. 27. dez. de 2013. p. 131 – 141.

CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. “**Arrufos**” de **Belmiro de Almeida (1858-1935) – história da produção e da recepção do quadro**. 2006, p. 9.

FACCO, Lúcia. A escola como questionadora de um currículo homofóbico. In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusta Cezar Pinheiro da. (Orgs.). **Espaço, Gênero e Poder: Conectando Fronteiras**. Ponta Grossa, Todapalavra, 2011. p. 19 – 29.

JUSTINO, Maria José. **Mulheres na arte: Que diferença isso faz?**. Curitiba: Museu Oscar Niemeyer, 2013. p. 184.

LAN, Diana. **Gênero y violencia: Una ostentación de género em cada concepto**. In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusta Cezar Pinheiro da. (Orgs.). **Espaço, Gênero e Poder: Conectando Fronteiras**. Ponta Grossa, Todapalavra, 2011. p. 121 – 136.

OLIVEIRA, Lucia Teixeira de Sequeira e. **Arrufos na Memória**. Revista da Anpoll, nº 2, p. 95 – 108, 1996.

PEREIRA, Sonia Gomes. **Arte Brasileira no século XIX**. Editora C/Arte: Belo Horizonte, 2011.
PROENÇA, Graça. **História da Arte**. Editora Ática: São Paulo, 2001.

SILVA, Susana Maria Veleza da. Mulheres e trabalho: Novos e velhos dilemas. In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusta Cezar Pinheiro da. (Orgs.). **Espaço, Gênero e Poder: Conectando Fronteiras**. Ponta Grossa, Todapalavra, 2011. p. 149 – 167.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

L

Ludicidade 152

M

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

N

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

P

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

R

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

S

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-609-6

